



APRENDIZAGENS INICIAIS DA LEITURA E ESCRITA NA ALDEIA ĞAPĞIR, CONTEXTO PAITER SURUI

Oyagui Maycon Surui

Universidade Federal de Rondônia
oyaguipaite@gmail.com

Josélia Gomes Neves

Universidade Federal de Rondônia
joseliagomesneves@gmail.com
GT Alfabetização Intercultural

RESUMO

O presente trabalho trata de uma reflexão sobre o ler e escrever em escolas indígenas. É um recorte do estudo realizado no PIBIC/UNIR/CNPq, ciclo 2020-2021. A finalidade foi compreender como as crianças indígenas, Paiter Suruí da Aldeia ĞapĞir, Escola Indígena Sertanista José do Carmo Santana iniciam seus ingressos nas culturas do escrito. Os interesses teóricos apoiaram-se nas contribuições de Ferreiro; Teberosky (1991), Neves (2009) e Mindlin (1985). A pesquisa se caracterizou como qualitativa articulada à pesquisa documental porque analisou atividades retiradas de cadernos escolares. Os resultados demonstram que as crianças indígenas estão aprendendo a ler e escrever através de desenhos, escritas e cópias, atividades relacionadas aos ambientes da aldeia e da cidade. Concluímos que os processos de alfabetização na Aldeia ĞapĞir ora são orientados pela concepção empirista, muito conhecida pelo jeito de trabalhar nas cartilhas e ora há elementos que se aproximam da concepção construtivista, questões importantes para a formação inicial e continuada.

PALAVRAS-CHAVE: Alfabetização Intercultural. Paiter Surui. Aldeia ĞapĞir. Terra Indígena Sete de Setembro-RO. Educação Escolar Indígena.

INTRODUÇÃO

O objetivo deste escrito foi entender de forma introdutória, como as crianças indígenas, do Povo Paiter Suruí da Aldeia ĞapĞir estão aprendendo a ler e escrever. Para alcançar este objetivo foi necessário realizar a pesquisa bibliográfica que será demonstrada no decorrer do trabalho. Já a pesquisa de campo, foi a etapa em que foi feita a pesquisa documental através da análise de

atividades de alfabetização de cadernos escolares. Como pesquisa qualitativa, o estudo adotou, na coleta e análise de dados a pesquisa documental por envolver “O exame de materiais de natureza diversa, que ainda não receberam um tratamento analítico, ou que podem ser reexaminados, buscando-se novas e/ou interpretações complementares, [...]”. (GODOY, 1995, p. 21).

Os documentos coletados e analisados foram atividades de cadernos escolares das crianças dos anos iniciais do ensino fundamental da EIEEF Sertanista José do Carmo Santana. Os cadernos escolares têm sido considerados importantes fontes de compreensão da História da Educação e Alfabetização, principalmente por disponibilizar informações sobre as práticas culturais de escrita, “[...] traduzem práticas educativas e, em especial, práticas avaliativas. [...]”. (MIGNOT, 2005, p. 41).

Nesta direção, as atividades produzidas pelas crianças apontaram pistas de como está acontecendo a inserção indígena inicial no mundo da escrita. Estes resultados poderão apresentar elementos importantes do processo de alfabetização de modo a provocar ajustes e ampliações nas políticas públicas educacionais.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O presente tópico trata da apresentação dos resultados parciais do trabalho realizado através do Plano de Trabalho: “Alfabetização Intercultural – Paiter Surui na Aldeia ĴapĴir, na Escola Indígena Estadual de Ensino Fundamental e Médio (EIEEFM) Sertanista Jose do Carmo Santana. Ela foi criada através do Decreto nº 5.705/1992 e está localizada na Linha 14, na Terra Indígena Sete de Setembro-RO, no município de Cacoal, estado de Rondônia.

Uma das atividades iniciais que desenvolvemos foi localizar registros escritos na comunidade. Conforme estudamos no ciclo do PIBIC 2020-2021, as informações escritas tanto na escola e como nas práticas sociais da aldeia são importantes para a circulação e divulgação dos suportes de escrita, levando em conta principalmente o histórico indígena de tradição oral. Além disso, estas situações representam importantes meios para ampliar a compreensão da funcionalidade ou serventia da língua escrita. E no caso das escritas da comunidade, elas podem ser utilizadas como material didático na sala de aula porque é preciso considerarmos que as crianças são muito observadoras. Assim como outras coisas, elas aprendem sobre a linguagem escrita bem antes de ingressar na educação formal. A imagem abaixo trata da identificação da igreja localizada

na Aldeia que apresenta a seguinte inscrição: Paiterey ema Palob ay ãme – sab-ãdana-e, que em português quer dizer: Casa de adoração a Deus Paiter-ey.

Figura 41– Identificação da igreja Paiter.



Fonte: Dados da pesquisa

Em relação aos cadernos escolares de estudantes da Escola Indígena Estadual de Ensino Fundamental e Médio (EIEEFM) Sertanista Jose do Carmo Santana selecionamos atividades não repetidas tanto em língua portuguesa como em língua Paiter, Paiter, pois: “[...] os registros materializados nesses documentos são valiosos para a compreensão de parte das práticas cotidianas vividas em classes de alfabetização [...]”. (BECALLI; SCHWARTZ, 2017, p. 210), como o desenho, por exemplo:

Figura 2 – Desenho Infantil



Fonte: Dados da pesquisa

E como discutimos em nossos estudos as crianças iniciam seus entendimentos sobre a escrita a partir do desenho que possui relação com a sua própria realidade como árvores, malocas e auto representação. De acordo com o Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas esta prática infantil é importante porque: “Quando a criança desenha livremente, ela já está elaborando ideias sobre a escrita. [...]”. (BRASIL, 1998, p. 136).

Pelo que observamos o desenho permanece mesmo nas atividades mais adiantadas quando as crianças já utilizam palavras na língua Paiter, como: ariãh/ frango, morib/peixe, por exemplo ou em língua portuguesa, como anel e arroz, termos conhecidos pelas crianças e que possuem relação com a cultura indígena e a cultura ocidental:

Figura 3 – Desenhos e palavras



Fonte: Dados da pesquisa

A proposta de incentivar as escritas na língua indígena tem sido indicada por intelectuais desta etnia como importantes meios de ampliação deste conhecimento: “[...] a escola pode trabalhar com didáticas que permitem aprendizagens interculturais com afirmação da cultura e valorização dos conhecimentos Paiter em diálogo e com o reconhecimento da sociedade não indígena. [...]”. (PAGATER SURUI, 2018, p. 121). Atividades como esta são importantes na alfabetização porque podem contribuir para o entendimento infantil sobre a escrita.

As crianças poderão compreender que assim como o desenho, a escrita representa ideias. E quando a escrita é feita na primeira língua dos falantes os resultados pedagógicos podem ser ainda mais relevantes, uma vez que: “[...] além de facilitar o aprendizado já que o idioma é conhecido pelos participantes, representa um mecanismo de revitalização da língua indígena através da escrita”. (NEVES, 2009, p. 191).

Observamos que ao lado das grafias em língua Paiter, as crianças da Aldeia Ĝapğir aprendem a ler e escrever também a partir da língua portuguesa. As cópias de palavras como anel, arroz, água, por exemplo, são atividades usadas na concepção empirista, situação em que: “[...] o aluno precisa memorizar e fixar informações [...]. O modelo típico de cartilha está baseado nisso”. (WEISZ, 2001, p. 79).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste escrito foi apresentar um pouco do resultado do trabalho realizado no estudo do PIBIC/UNIR/CNPq (2020-2021) que buscou compreender como as crianças indígenas, Paiter Suruí da Aldeia Ĝapğir, Escola Indígena Sertanista José do Carmo Santana iniciam seus ingressos nas culturas do escrito.

Os resultados demonstram que as crianças indígenas estão aprendendo a ler e escrever através de desenhos, escritas e cópias, atividades relacionadas aos ambientes da aldeia e da cidade. Concluimos que os processos de alfabetização na Aldeia Ĝapğir ora são orientados pela concepção empirista, muito conhecida pelo jeito de trabalhar nas cartilhas e ora há elementos que se aproximam da concepção construtivista, que considera as perspectivas do aprendiz, questões importantes para a formação inicial e continuada.

REFERÊNCIAS

BECALLI, Fernanda Zanetti; SCHWARTZ, Cleonara, Maria. A hora e a vez dos cadernos escolares como fontes históricas de pesquisa sobre práticas alfabetizadoras. **Revista Linhas**. Florianópolis, v. 18, n. 38, p183-213, set./dez. 2017.

BRASIL. MEC. **Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas**. Brasília, 1998.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita**. Artmed. Porto Alegre, 1999.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa Qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas São Paulo**, v. 35, n.3, p, 20-29 Mai./Jun. 1995.

MIGNOT, A. C. V. Vitrine de guardados: exposições de escritas ordinárias como estratégia de preservação da memória escolar. **Resgate**, nº 14, 2005 p. 35-48.

MINDLIN, Betty. **Nós Paiter**. Os Suruí de Rondônia. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985.

NEVES, Josélia Gomes. **Cultura escrita em contextos indígenas**. 369f. Tese (Doutorado em Educação Escolar). Universidade Estadual Paulista. Araraquara-SP, 2009.

PAGATER SURUI, Joaton. **A ESCRITA DA LÍNGUA MATERNA NAS ESCOLAS INDÍGENAS PAITER SURUI - ãH SODIG Nã GOE TIG ESADE PAITER EY EMã SODIHG AH EY KA EWE**. Orientadora: Josélia Gomes Neves. 2018. 142f. Trabalho Final de Conclusão de Curso. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar) UNIR, Campus José Ribeiro Filho, Porto Velho, 2018.

WEISZ, Telma. Idéias, concepções e teorias que sustentam a prática de qualquer professor, mesmo quando ele não tem consciência delas. In: BRASIL. **Programa de Formação de Professores Alfabetizadores (PROFA)**. Brasília: MEC, 2001.